



CARACTERIZAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2018 A 2020

II Congresso Médico Online de Ginecologia e Obstetrícia, 2ª edição, de 18/09/2023 a 20/09/2023

ISBN dos Anais: 978-65-5465-060-1

DOI: 10.54265/HBKN1831

MELO; Maria Clara Passos¹, **TOSTO; Lilian Greice de Castro**², **SLONGO; Isabela Silva**³, **DIAS; Rafaela Varjão**⁴, **SOUZA; Thalia Castro**⁵, **TORRES; Laíse Mota**⁶

RESUMO

Introdução: A sífilis Congênita (SC), por ser uma doença infectocontagiosa e, de grande importância no contexto brasileiro, é um agravo evitável, desde que seja diagnosticada e tratada efetivamente durante a gestação. Ela é uma doença de amplo espectro clínico, perpassando de variadas formas, desde assintomáticas, oligoassintomáticas à quadros graves, a SC pode ocasionar uma série de desfechos desfavoráveis que impactam não só a gestante e concepto, bem como gera custos em saúde pública, assim, fez-se imperativo realizar a coleta e análise dos dados disponíveis no Sistema de Agravos de Notificação (SINAN). **Objetivo:** O objetivo do presente estudo é identificar e analisar o perfil epidemiológico da Sífilis Congênita no território brasileiro, no período de 2018 a 2020. **Métodos:** O presente artigo se trata de um estudo epidemiológico, retrospectivo, de caráter descritivo, sobre casos de Sífilis Congênita no Brasil e regiões, com dados obtidos do SINAN, entre 2018 e 2020. As variáveis de interesse foram: faixa etária do recém-nascido, sexo, raça/cor, região, escolaridade e faixa etária materna, realização do pré-natal, sífilis materna, tratamento do parceiro e evolução dos casos. A análise dos dados obtidos foi realizada com o auxílio do programa Microsoft Excel e tabulados em tabelas. Os dados estão apresentados em número absoluto e proporção das variáveis consideradas de interesse. **Resultados:** Verificou-se que no período de 2018 a 2020 foram registrados 73.142 casos da doença. Durante esse período, o ano de 2018 foi responsável pela maioria dos números de casos, sendo prosseguido por uma queda até o ano de 2020. Além disso, observou-se uma maior taxa de prevalência na região sudeste (44% dos casos). Houve um ligeiro predomínio no sexo feminino e, para a variável faixa etária do bebê, a maioria foi representada pela população com idade de até 6 dias (94,8%). A maioria das genitoras acometidas tem entre 20 a 24 anos (34%). Observou-se que a raça parda foi a mais prevalente (52%), e a maioria das informações sobre a escolaridade materna foi deixada em

¹ UNIFTC, clarapmelo@gmail.com

² UNIFTC, Liucastro@hotmail.com

³ UNIFTC, belinhaslongo_2006@hotmail.com

⁴ UNIFTC, rafaelavarjao2000@hotmail.com

⁵ UNIFTC, thalia-castro16@hotmail.com

⁶ UNIFTC, draiaisetorres@gmail.com

branco ou ignorada. A maioria das mães realizou o pré-natal e foi diagnosticada com sífilis durante esse período. Verificou-se uma queda na realização do pré-natal do ano 2019 para 2020 e um aumento no número de casos relatados como ignorados ou branco. No que diz respeito ao tratamento do parceiro, a maioria dos casos não recebeu tratamento (51%). E, por fim, no que tange à evolução da doença, observou-se que a maioria foi de recém-nascidos vivos (88%). **Conclusão:** Os resultados deste estudo destacam uma elevada taxa de ocorrência de sífilis congênita no país. No entanto, é crucial ressaltar as limitações dos dados apresentados, devido à subnotificação significativa de casos. Portanto, é fundamental estruturar e implementar ações para controlar essa doença e melhorar sua notificação. A sífilis congênita é uma condição evitável, mas suas consequências são numerosas, especialmente para o feto.

PALAVRAS-CHAVE: sífilis congênita, saúde da mulher, epidemiologia

¹ UNIFTC, ciarapmelo@gmail.com

² UNIFTC, Liucastro@hotmail.com

³ UNIFTC, belinhaslongo_2006@hotmail.com

⁴ UNIFTC, rafaelavarjao2000@hotmail.com

⁵ UNIFTC, thalia-castro16@hotmail.com

⁶ UNIFTC, draiaisetorres@gmail.com